

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

GT 35 Juventudes, Velhices e Construções Identitárias

**IDENTIDADE JUVENIL PENTECOSTAL: O CASO DO GRUPO DE
MOCIDADE DE UMA ASSEMBLEIA DE DEUS NA BAIXADA
FLUMINENSE**

ALEXANDER SOARES MAGALHÃES

CEFET-RJ

Brasília (DF)

25 a 29 de julho de 2017

Resumo: A partir de um estudo de caso com membros da uma igreja pentecostal Assembleia de Deus (com idade entre 14 e 24 anos) situada em São João de Meriti, cidade da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro, o presente trabalho visa apresentar uma forma de identificação específica, que denominamos como “identidade juvenil assembleiana”, que invoca uma simbologia pentecostal “clássica”, remontando a trajetória da centenária de sua igreja, se afirmando como um tipo de resistência às chamadas identidades “pós-modernas”, marcadas pela fluidez e multiplicidade. Tal identidade é visível por duas características principais: a observância (negociada) dos chamados usos e costumes – que são oriundos de toda uma tradição teológica, mas são mais visíveis nas vestimentas e hábitos do cotidiano – bem como a resistência aos valores tidos como “do mundo”, que é uma categoria construída a partir da oposição do que é de “Deus”. Tal identidade incentiva o jovem a estabelecer suas diversas formas de sociabilidade entre aqueles que são separados do “mundo”, mas juntos no “corpo de cristo”. Entretanto, ela se diferencia do que se pode chamar de uma “identidade assembleiana”, pois pretende dialogar com as especificidades típicas da condição juvenil das camadas populares brasileiras, tentando lidar com as dificuldades e dilemas típicos deste grupo, mas sem deixar de marcar sua identidade própria, de acordo com os preceitos da igreja supracitada.

Palavras chave: Identidade; juventude, pentecostalismo.

Primeiras palavras

Uma das questões mais discutidas na teoria social contemporânea é o processo de transformações pelo qual passam as identidades culturais. Esse movimento faz-se sentir em várias esferas da vida social, especialmente no âmbito das relações de poder, onde a política de identidade de classe passa a dividir cada vez mais espaço com a política da diferença (HALL, 2011: 22). No campo religioso, o panorama não é muito distinto, com muitas transformações no quadro das identidades religiosas. Segundo a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger, no quadro atual (principalmente da Europa) de erosão da transmissão religiosa, a identidade religiosa não é mais uma identidade herdada, mas uma construção individual “a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição” (HERVIEU-LÉGER, 2008: 64). Desta forma, para a autora, não se perde a relação da identidade com a religião, mas ela é ressignificada a partir das elaborações e estratégias individuais de crença e pertencimento. Assim, neste contexto, a identidade religiosa se individualiza e é recriada a partir da bricolagem de crenças, reconfigurando as formas de pertencimentos religioso.

No Brasil do início do século XXI, especialmente entre os jovens de camadas médias urbanas, as identidades religiosas também vêm sendo transformadas, algumas vezes tomando a direção da bricolagem e ressignificação individualizada. Segundo Novaes (2005), são encontradas algumas tendências: primeiramente, uma forte disposição para o trânsito religioso e novas combinações sincréticas, onde a prática da fé não obedece completamente aos preceitos e dogmas que determinada religião defende/impõe e elementos de religiosidades distintas são re combinados a partir de uma demanda ou prática específica. Em segundo lugar, registra-se o aumento de escolhas e sínteses individuais, no qual os vínculos formais perdem um pouco de importância. Desta forma, uma parte mais significativa dos jovens brasileiros vem dando mais valor a fé por si só do que às igrejas e instituições religiosas. Em terceiro lugar, a transferência religiosa intergeracional ocorre de forma menos regular quando comparada com outras gerações, uma vez que é mais comum a escolha da profissão de uma

determinada religião ou forma de religiosidade por iniciativa própria, não por orientação familiar ou costume. E em quarto lugar, a relação de intimidade com Deus é ressignificada, sem o temor e a distância tão presentes nas gerações anteriores (NOVAES, 2005).

Uma das características mais significativas acerca dos jovens evangélicos apontada pela literatura é a tensão entre escolhas e práticas consideradas “mundanas” pelo discurso produzido pelas igrejas evangélicas e a efetiva experiência dos jovens, que nem sempre interpretam as mesmas práticas como problemáticas ou mesmo as considerando com tal não deixam de realizá-las (SANTOS, 2008; ALVES, 2009; MESQUITA e BERTOLI, 2014). Uma das principais características do discurso pastoral das igrejas pentecostais para o seu público jovem é a prevenção contra práticas que possam ser consideradas como “pecado” ou que possam “não agradar a Deus”, como sexo antes do matrimônio, uso de bebidas alcoólicas e drogas, andar com “más companhias” entre outras práticas. Em maior ou menor grau, alguns dos jovens que se afiliam às igrejas pentecostais vivenciam conflitos internos – assim como quaisquer outros indivíduos situados em condição juvenil – mas o diferencial neste caso é que esses conflitos são em parte oriundos da tensão entre o impulso de romper com a ordem familiar vem acompanhado pela restrição de comportamentos destas instituições que tem como uma de suas marcas identitárias a defesa dos valores “da família tradicional”.

Entretanto, o caso que este trabalho se propõe a analisar é distinto das tendências acima apresentadas: veremos como a identidade juvenil assembleiana se configura como uma oposição a este quadro de ressignificações individuais e bricolagem de fé típicas dos modelos identitários pós-modernos. Desta forma, defenderei a tese que existem dois elementos centrais que vão caracterizar tal marco identitário: a valorização dos chamados “usos e costumes” e a relação do jovem com o chamado “mundo”. Os dados que embasam este texto foram coletados utilizando a estratégia metodológica da triangulação, combinando análise quantitativa de *survey* com base qualitativa, alimentada por entrevistas em profundidade e observação participante.

Um pouco do contexto das Assembleias de Deus no Brasil

A igreja Assembleia de Deus foi fundada em 1911 em Belém do Pará, cidade na região norte do Brasil pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, sob o nome de “Missão de Fé apostólica”. Atualmente, as Assembleias de Deus (ADs) se consolidam como a maior igreja evangélica do Brasil, e no âmbito geral só possui um número de fiéis menor que a Igreja Católica. Segundo os Censos do IBGE¹, a AD possuía 2,4 milhões em 1991 e experimentou grande crescimento ao passar para 8,4 milhões em 2000. Já em 2010 são contabilizados cerca de 12,3 milhões de assembleianos no país (cerca de 6,4% do total da população). Desta forma, o seu crescimento continuou significativo, mas foi menor. Se analisada dentro do universo evangélico e pentecostal, seus números são ainda mais vigorosos: são cerca de 48% dos pentecostais e 29 % dos evangélicos. Está presente em praticamente todo o território nacional, mas sua distribuição não é homogênea do ponto de vista socioeconômico e geográfico. Os assembleianos tendem a se concentrar nas camadas mais populares. Sua presença mais expressiva é nas grandes cidades, a exemplo do Rio de Janeiro, com quase 1 milhão de adeptos, e de São Paulo, com mais de 680 mil seguidores (JACOB et al., 2013). Em suma, a igreja simples que surge em uma capital afastada dos grandes centros econômicos do país fundada por missionários suecos sem grandes recursos hoje é uma das principais instituições religiosas do Brasil, mesmo que de forma diversa e fragmentada.

Assim, é fundamental pontuar que a esta instituição se conforma no Brasil como uma igreja caracterizada por uma grande diversidade interna, que é construída desde o seu processo de expansão no país a partir da década de 1940 (ALENCAR, 2013; FAJARDO, 2015). Tal diversidade é expressa teoricamente por Gedeon Alencar através do conceito de assembleianismos (ALENCAR, 2013), uma construção ideal-típica que demonstra esta diversidade através de distinções de natureza sociológica (nomeadas pelo autor como assembleianismos rural, urbano, difuso e autônomo).

¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Historicamente, ela se aprofunda com a consolidação dos chamados “Ministérios”, que teriam como função atuar como um polo unificado em cada cidade visando facilitar a atuação das igrejas locais e evitando concorrências dentro de um determinado território (CORREA, 2013). Eles também são conhecidos como “Igrejas mãe” e junto com suas congregações e pontos de pregação formam um “campo”². Contudo, esses Ministérios passaram a ter cada vez mais autonomia, e a figura do pastor-presidente adquire similaridade com a de um Bispo Católico (CORREA, 2013), criando-se um sistema de governo eclesial que mistura congregacionalismo e episcopalismo. A medida que estes “campos” vão se desenvolvendo e expandindo sem qualquer controle externo, e lidando com realidades e públicos distintos, eles vão se diferenciando entre si. Estas observações são importantes, pois somente a partir da compreensão desta particularidade assembleiana que é possível ter a exata noção de como da grande complexidade de examinar a questão da identidade dos membros da AD, que, evidentemente, apresentarão distinções entre si.

Isto posto, esclarece-se que a investigação aqui proposta não pretende dar conta de uma realidade nacional, mas apresentar algumas questões de destaque em um tipo específico de assembleianismo, marcado por um tradicionalismo no contexto interno das ADs do Brasil, mas que também apresenta tensões e influências de natureza mais urbanas/modernizantes, inseridos na região da Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Particularmente, esta região se notabiliza pelo grande número de habitantes praticantes do pentecostalismo e igrejas deste tipo de religiosidade (desde as mais tradicionais como a AD até pequenas igrejas sem vinculações com as denominações mais conhecidas no mosaico pentecostal brasileiro), bem como a quase onipresença pública de simbologias pentecostais nos espaços públicos.

² A expressão “Campo” aqui designa a expressão êmica para designar um conjunto de igrejas que formam o Ministério.

Algumas palavras sobre juventude e pentecostalismo no Brasil

Embora ainda seja majoritariamente católico, o Brasil apresenta um quadro de progressivo aumento da diversidade religiosa, fato que se reflete entre os jovens. Segundo os dados do Censo de 2010 do IBGE, dentre os brasileiros com idade entre 15 e 24 anos, cerca de 63% se declaram católicos, 21 % evangélicos (categoria que engloba protestantes históricos e pentecostais) e 10% sem religião.

Novaes (2005) pontua algumas características dos jovens pentecostais. Como regra, eles reproduzem as características socioeconômicas que a literatura aponta neste segmento: moradores de regiões periféricas das metrópoles e espaços com forte presença migratória recente, com forte presença de negros e pardos, renda familiar baixa e pouca presença nas universidades. Todos os pentecostais entrevistados na pesquisa afirmaram frequentar atos religiosos de sua própria crença e são os mais participantes nas atividades no interior da igreja. Quando perguntados sobre quais os valores mais importantes em uma sociedade ideal, suas respostas mais frequentes foram “temor a Deus” e “religiosidade”. Também são o segmento juvenil que mais reprovam o aborto e a legalização da união de pessoas do mesmo sexo (Idem). Essas características, lidas em comparação com outras religiosidades juvenis, sugerem que o pentecostalismo enquanto atua como um diferencial no campo das escolhas e opiniões sobre a sociedade.

Faz-se importante mencionar que, na maioria dos casos, as ADs trabalham com uma noção de jovem particular e realizam trabalhos e atividades específicas. De uma forma geral, é considerado jovem a moça ou o rapaz a partir dos 14 anos de idade, que permanece solteiro. Alguns podem permanecer no grupo com idade superior a 20 anos, desde que ainda não tenham se casado, desta forma utilizando-se uma noção de papel social destes indivíduos no contexto. Por conseguinte, em geral, os membros da Assembleia de Deus são estimulados a casar cedo, para evitar “tentações”, ou seja, manter

relações sexuais antes do matrimônio. Desta forma, tentando dar conta dos critérios objetivos e subjetivos, assim como a categoria “nativa” de juventude, optei por focar nesta pesquisa especificamente jovens solteiros entre 14 e 24 anos que participem cotidianamente das atividades da igreja, uma vez que existem muitos critérios para se definir a noção de juventude e jovem, optou-se por esse recorte, uma vez que ele está próximo das referências internacionais, mas dialoga com a realidade específica da igreja estudada.

Alguns apontamentos sobre a identidade juvenil assembleiana a partir de um estudo de caso

Pensando a questão da identidade na sua interface com a religião, para Berger (1985) a identidade social “como um todo pode então ser apreendida pelo indivíduo como algo sagrado, assentado na ‘natureza das coisas’, criado ou querido pelos deuses. Como tal, perde seu caráter de produto de atividade humana” (BERGER, 1985, p.107). Essa correlação entre a religiosidade e a identidade é útil para pensar como se dá o complexo processo de incorporação dos valores do pentecostalismo assembleiano na formação da identidade dos jovens em meio aos mecanismos de resignificação das instituições, como a igreja, no contexto da sociedade contemporânea. É importante salientar também a noção de “perda de sentido” vivenciada pelo indivíduo na modernidade a partir do “relativismo dos sistemas de valores e interpretações” (BERGER e LUCKMANN, 1976). De certa forma, tal teorização acerca da chamada “crise de identidade” contemporânea já antecipava questões que seriam problematizadas distintamente mais tarde no âmbito da Sociologia e das Ciências Sociais em geral.

Agora apresentarei alguns dados sobre como os jovens assembleianos elaboram sua identidade, a partir da vivência na igreja, reconhecendo-se enquanto assembleianos e daí elaborando sua identificação. O universo pesquisado é de membros regulares da Assembleia de Deus Meritiense (doravante ADM, nome fictício) com idades entre 14 e 24 anos³.

³ Para mais detalhes sobre os dados ver MAGALHÃES, 2016.

Argumento que tal processo de identificação possui dois marcos centrais: os “usos e costumes” e o ideal de separação com o “mundo”. Tais características não representam uma novidade no âmbito da trajetória e do investimento realizado pela AD no Brasil. Todavia, elas revelam como todo o esforço e discurso das lideranças da AD em questão – que como já foi dito é uma igreja que se coloca como tradicional no contexto dos assembleianismos – é internalizado e reelaborado pelos jovens. Para compreender um pouco deste mecanismo de identificação, perguntei a um grupo de 100 jovens da ADM foi: “Qual é a maior diferença da Assembleia de Deus em relação a outras igrejas evangélicas? ”. O resultado foi:

Usos e costumes	62%
Tradição centenária da Igreja	13%
Fervor religioso	22%
Não respondeu	03%

De um modo geral, apesar dos investimentos da AD, em especial da CPAD, em valorizar a história da igreja enquanto elemento identitário, parece que tal característica não tem sido reconhecida como fundamental pelos jovens. É importante salientar que mesmo em conversas informais e formais com pastores e outras lideranças da ADM, não foi feita nenhuma menção à tradição e a história centenária da igreja, e mesmo quando nós estimulávamos algo do tipo, não foi obtida nenhuma menção significativa para que se pudesse fazer tal associação.

Por sua vez, a questão do fervor religioso tende a ser escolhida entre os jovens da menor faixa etária da amostra, sendo que 54,4% daqueles que assinalaram esta alternativa no questionário se encontram na faixa entre 14 e 17 anos. Já quando analisada sob a perspectiva do gênero, tal aspecto parece ser mais marcante entre as moças, uma vez que 72.5% dos jovens que a escolheram eram do sexo feminino. Esta característica assembleiana também aparece de forma bem mais consistente nos relatos, se comparada à tradição

centenária da igreja. Uma das principais formas de identificação é via alteridade. Os dados nos mostram que o fervor religioso é considerado como uma característica tipicamente assembleiana a partir da comparação com outras igrejas evangélicas que os jovens conhecem a partir de visitas, relatos de conhecidos ou mesmo experiências familiares.

Fruto de uma interpretação particular de textos bíblicos para estabelecer formas de vestimenta, comportamento e posturas, mas diferenciados de questões estritamente doutrinárias, os usos e costumes são considerados como uma das principais marcas de identificação assembleiana, de acordo com a literatura (SILVA, 2003; GANDRA 2013). Segundo Fajardo “Usos e costumes é uma expressão nativa do campo que diz respeito principalmente à forma típica de vestimenta e de conduta exigida do assembleiano (...) Os costumes também têm uma dimensão litúrgica, referindo-se à forma como o culto assembleiano se desenvolve. Nas últimas décadas tais costumes têm sido gradualmente abolidos, embora muitos Ministérios ainda se apeguem a diversos de seus aspectos, enquanto outros os rejeitem” (FAJARDO, 2015). Os usos e costumes também se constituem como uma grande fonte de preocupação da AD enquanto forma de controle “de autenticidade” da igreja. Como salienta Alencar (2013), embora a AD tradicionalmente não se pronuncie formalmente sobre questões teológicas, os usos e costumes já foram alvo de três importantes documentos “normativos” sobre o tema.

Vejamos então alguns dados relevantes sobre o tema no âmbito dos jovens assembleianos da ADM. Ressalta-se que a expressão “usos e costumes” é de domínio geral entre eles. Como já foi visto, segundo os 62% dos jovens, esta é a maior diferença entre a AD e outras as igrejas. Analisando estes dados a partir do recorte da idade, a opção por “usos e costumes” não variou significativamente, apresentando percentuais semelhantes nas três faixas etárias presentes na amostra, com o mesmo ocorrendo analisando os mesmos dados a partir do recorte de gênero. Desta forma observa-se que é reproduzida a ideia que os usos e costumes são um dos principais diferenciais do “ser assembleiano” no contexto do campo religioso brasileiro. Também pode-se inferir que os usos e costumes fornecem os jovens uma noção

concreta (pois é facilmente visível) de pertencimento ao tipo específico de assembleianismo construído pela ADM, na medida em que associa suas práticas às doutrinas defendidas pelos pastores e lideranças deste Ministério. Entretanto, foi verificado que nem sempre esses usos e costumes são observados na vida cotidiana destes jovens, o que pode ser interpretado, principalmente no contexto de defesa do tradicionalismo ADM, uma falta grave, pois representa um sinal de que o “mundo está entrando na igreja”. Neste sentido, foi constatada a presença de um fenômeno, nomeado por uma interlocutora como uma “resistência silenciosa” por parte dos jovens aos usos e costumes. Desta forma, tal resistência se dá de forma discreta e velada, sem configurar um desafio aos pastores e líderes de jovens. A reação ao tradicional ocorre, ainda segundo esta jovem, num nível que não cause mal-estar e desrespeito ao pastor.

Desta forma, percebe-se que a tensão entre a observância das regras colocadas pelos usos e costumes é um reflexo da própria dinâmica interna presente na AD entre se “modernizar sem modernidade” (FAJARDO, 2015) e aderir as práticas e regras consideradas mais “contemporâneas”, expressando as próprias contradições internas típica do conflito entre os assembleianismos. Mas, como marca identitária e expressão de uma variação tradicional desta tipificação, mesmo as resistências são veladas, silenciosas, assim como os não cumprimentos das tradicionais regras são transformadas em categorias acusatórias: é sempre o outro jovem que não o faz, e por isso ele “não é tão assembleiano como eu”.

Assim que foi iniciado o processo do trabalho de campo, com a ida regular aos cultos assembleianos, uma das primeiras narrativas que chamaram a nossa atenção pela sua frequente ocorrência foi a menção aos cuidados constantes que o fiel deveria ter sobre os “perigos do mundo”, o que ocorria ainda mais repetidamente nas palavras dirigidas aos jovens da igreja. Sem embargo, a “questão” do mundo como uma categoria analítica torna-se bastante complexa, na medida em que ela é, ao mesmo tempo, uma construção teológica, sociológica e ética.

O tipo ideal elaborado por Weber (2000) de “mundo” define, em termos sociológicos, os limites entre o “mundo” enquanto relações sociais que

afastam as pessoas do “divino”, que é colocado a partir do momento em que as mesmas relações afastam o religioso do empenho de sua salvação individual. Isso vai de encontro com a ênfase encontrada no discurso assembleiano e nos relatos colhidos na questão das escolhas individuais, que são entendidas como fundamentais no processo de “salvação”, mas também como marcos definidores da identidade juvenil assembleiana: o jovem assembleiano é “separado” (do mundo). Em geral, observei que a AD reforça a necessidade e a importância de que os jovens se mantenham separados do “mundo” visando sua salvação individual, mantendo uma atitude condizente com os princípios de conduta que são esperados e cobrados por parte da igreja, na figura de líderes, pastores e membros destacadamente tidos como exemplos de virtude e retidão. Com isso, a ênfase da igreja não é na manutenção das virtudes como mecanismo de reforço da identidade assembleiana, mas para que os jovens consigam se manter “nos caminhos do senhor” e desta forma, conquistarem sua salvação.

Isto posto, argumento que é a rejeição do mundo e a busca por tal salvação tem como consequência, talvez não intencional, de forjar um marco definidor da identidade juvenil, mediante o contraste com o “jovem do mundo”. É relevante também destacar o papel estratégico que a figura do “demônio” tem nas narrativas produzidas pelos pregadores assembleianos no contexto pesquisado. Neste sentido, na medida em que tal figura é descrita nas narrativas bíblicas como o “príncipe do mundo”, ele se presta a reforçar a dimensão simbólica do “mundo” como um espaço oposto àquele que deve ser ocupado pelo “crente”. Muitas das falas registradas (que por questão de espaço não podem ser reproduzidas neste texto)⁴ são bastante significativas, pois representam bem como os jovens internalizam e reelaboram a tensão com o mundo tal como citado nas falas da igreja. O mundo é percebido como algo que suja a pessoa, e mesmo sendo visto como um espaço que oferece coisas boas, deve ser rejeitado. Elas também resumem bem a visão do “mundo” como um local onde há corrupção, pois nele não há a presença de comportamentos que se baseiam nos ‘padrões bíblicos’. Como já foi salientado, a renúncia aos prazeres que ‘mundo oferece’ às pessoas, principalmente aos jovens, é uma

⁴ Para mais detalhes, ver MAGALHÃES, 2016.

das condições para a salvação. E por isso, indispensável para aqueles que criam laços de pertencimento e reconhecimento deste grupo identitário. Elas também demonstram que alguns dos jovens tem um bom conhecimento de algumas passagens bíblicas que trazem a questão do mundo como um local de onde o jovem deve ser manter “separado”, embora tenham que conviver nele.

Também foram verificados vários relatos e mensagens que a reforçam, no contexto da internet e das redes sociais, que por sua vez são um “espaço do mundo”. Mas deve-se lembrar que mesmo quando o jovem está nestes espaços, ele “deve” levar consigo marcas e símbolos de tal separação, de tal forma que esta característica também acaba por demarcar a identificação juvenil assembleiana nestes locais. Foi observado que a maior dificuldade apontada pelos nossos interlocutores é a questão de ter que renunciar aos prazeres e tentações do mundo, o que implica ter maiores dificuldades e mais desafios face ao “jovem do mundo”. Destaca-se também a noção de propósito como chave para o entendimento do esforço do jovem: o propósito é uma espécie de compromisso assumido no qual ele se coloca como sendo ‘separado’ do mundo para ‘estar junto com Deus’, e para tal esforça-se no sentido de seguir uma vida guiada neste compromisso e nas regras estabelecidas para tal. As principais regras são: não fazer sexo antes do casamento; não consumir álcool, cigarro e drogas ilícitas; ter comportamento considerado ‘digno’ em todos os espaços sociais. Também há algumas formas de propósitos mais específicos, que se assemelham como ‘votos’, como fazer uma promessa para uma finalidade específica, também algo comum na prática espiritual dos jovens. Desta forma, a noção de ‘propósito’ materializa e dá sentido concreto na questão da tensão com o mundo, uma vez que ceder às suas tentações representariam uma falha neste compromisso.

Palavras Finais

Concluo o presente texto apontando para uma definição instrumental da formulação de identidade juvenil assembleiana. Assim, ela pode ser definida como uma forma peculiar de identidade, elaborada a partir da diferenciação

dada na interação com outras identidades e conjunturas percebidas ou vivenciadas, e reivindicando características marcantes dos assembleianismos, especialmente o ideal de separação com o “mundo” e a prática reapropriada dos “usos e costumes” assembleianos, apoiadas em um senso de comunidade gerado a partir do sentimento de pertencimento a uma forma singular de religiosidade congregacional, conformando um *habitus* (BOURDIEU, 2011) específico. Contudo, é preciso salientar que tal definição só pode ser considerada mais profícua no contexto do assembleianismo específico estudado. Como toda identidade socialmente construída, a identidade juvenil assembleiana é elaborada na interação e a partir da diferenciação com outras formas de identidades e representações.

Uma última questão é pensar em que medida a identidade juvenil assembleiana se diferencia de outros padrões de identidades. Para tal, minha chave explicativa reside na ideia que tal identidade se configura como um tipo de resistência, ainda que sujeita a transformações, às novas formas de identificações não-estáveis, que são marcantes na contemporaneidade, descritas por Hall, fenômeno que Hervieu-Léger e Novaes identificam no campo religioso. Assim indago em que medida essa formulação se ajusta com que vimos na identidade juvenil assembleiana? Frente aos dados colhidos, nos parece que muito pouco. Em situações muito específicas, segundo relatos, o jovem pode vir a, por exemplo, utilizar da estratégia de negar ou, ao menos, atenuar sua identificação com a igreja, visando uma nova interação momentânea ou escapar de uma situação de preconceito. Mas não vimos casos em que existisse uma outra identificação pudesse ver evocada em outro momento ou conjugada. Em suma, os jovens assembleianos pesquisados não podem ser alocados como aderentes a identidade “pós-moderna”. Ao contrário, se afirmam enquanto tal negando a duplicidade de identificação, e em geral, a exteriorizando em todos os espaços sociais onde eles circulam, na medida do possível.

Para Hervieu-Léger (2008), a identidade religiosa contemporânea não é uma identidade herdada, mas uma construção individual “a partir dos diversos recursos simbólicos colocados à sua disposição”. Comparando este quadro como o contexto da identidade juvenil assembleiana, se verifica muito

pouco em comum. Face aos dados colhidos, não temos elementos que permitam inferir alguma similaridade relevante. Em primeiro lugar, no contexto dos jovens da ADM, a maioria das identidades religiosas são herdadas, na medida em que nada menos que 84% dos jovens da base da amostra quantitativa afirmaram nascer em lar evangélico. Assim, ao menos no âmbito da ADM, não há sinais de crise na transmissão religiosa familiar. Tampouco foi verificada alguma característica de bricolagem nas práticas de fé no plano dos jovens assembleianos. Como visto, uma das principais marcas distintivas da igreja é a afirmação da tradição e da manutenção das doutrinas consagradas por décadas na igreja, face a concorrência das outras denominações. Eventualmente, alguma forma de bricolagem pode vir a ocorrer em um tipo de assembleianismo autônomo, mas seria uma exceção frente à regra do padrão doutrinário conservador assembleiano.

Referências bibliográficas

ALENCAR, Gedeon. *Matriz Pentecostal Brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.

ALVES, Maria de Fátima. *Um/uma jovem separado/a do mundo: igreja, juventude e sexualidade na perspectiva de jovens da Assembleia de Deus em Recife – PE*. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU, Pierre. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CORREA, Marina. *Assembleia de Deus: ministérios, carisma e exercício de poder*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

FAJARDO, Maxwell. “Onde a luta se travar”: a expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.

GANDRA, Valdinei. *Patrimônio cultural da Assembleia de Deus: memória e identidade na criação do centro de estudos do movimento pentecostal – CEMP*. Dissertação (Mestrado Patrimônio Cultural e Sociedade). Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A; 2011.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAGALHÃES, Alexander. *Amigo de fé: estudo sobre religião e amizade entre jovens assembleianos na Baixada Fluminense*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MESQUITA, Wânia; BERTOLI, Naiana. *Jovens evangélicos moradores de favelas: algumas expressões de sua sociabilidade na cidade de Campos dos Goytacazes RJ*. (Syn)Thesis (Rio de Janeiro), v. 7, p. 63-74, 2014.

NOVAES, Regina. *Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença?* In ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro. *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005.

SILVA, Cláudio José. *A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembleia de Deus*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.

SANTOS, Maria Goreth. “*Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm*”: Representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WEBER, Max. *Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas)*. In: *Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. Volume 1. Brasília: Editora UNB, 2000.